

A LINGUAGEM PROSAICA DA POESIA CABRALINA

Lenise dos Santos Santiago¹

Resumo: A partir dos poemas *Morte e vida Severina*, *O cão sem plumas* e *O rio*, abordaremos os questionamentos estéticos da linguagem na obra de João Cabral provocados pela refinada tessitura poética, em que o poeta por uma solução estilística adota a linguagem prosaica como signo metafórico para dar voz ao rio. Nisto apresentando a poesia cabralina como um laboratório de linguagem em que no trabalho de construção e reconstrução o poeta constrói um rigoroso jogo de imagens cinematográficas como se fosse uma provocação ao leitor para que este possa deglutir a palavra, a linguagem, fazendo surgir o efeito sinestésico configurado através dos elementos: deserto, secura, rio e pedra.

Palavras-chave: Discurso, poesia, imagem, linguagem e literatura.

Abstract: Through poems as *Morte e Vida Severina*, *O Cão sem Plumás* and *O Rio*, a discussion will be carried out on the aesthetic questioning in the work of Joao Cabral de Melo Neto. Such questions are brought about by the precise poetic making in which the poet, on behalf of stylistic solutions, takes up a prosaic language as a metaphoric sign meant to give voice to the river. By doing so, Joao Cabral introduces his poetry as a language laboratory, in which, by way of a work of construction and reconstruction, he builds up a laborious performance of cinematographic images as a challenge posed for the readers to assimilate words and language. This gives rise to the synesthetic effects that are formed by elements such as the desert, dryness, river and stone.

Keywords: Discourse, poetry, image, language, literature.

A preferência de João Cabral pela linguagem prosaica está evidenciada nas obras *O cão sem plumas* (1950), *O rio* (1953) e *Morte e vida severina* (1955) que compõem o ciclo do rio, tendo como objeto poético o Rio Capibaribe. A epígrafe que abre o poema *O rio* “Quiero que componamos yo y tu una prosa”, referência a Gonzalo de Berceo –

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

poeta medieval espanhol - indica o gênero que configura a natureza prosaica do poema apresentando uma tessitura de poesia em prosa. A opção de João Cabral pelo gênero do verso em prosa é observada pela crítica literária e documentada em entrevista a Alfredo Bosi (1996, p. 26), quando indagado sobre a distinção entre o poético e o prosaico, assim o poeta pernambucano responde: “[...] O poético se enriquece na medida em que é prosaico, como *O rio*, *Morte e vida severina*, etc.” Tomando como exemplo suas composições poéticas.

Iniciemos a observação da natureza prosaica na obra cabralina pelo poema *O cão sem plumas* (1950), obra de teor social, é subdividido em duas “paisagens”, uma “fábula” e um “discurso” elaborados a partir da visão de um eu poético observador, que no caso da prosa, poderíamos chamar de narrador autodiegético, pois, a grosso modo, percebe-se que pela consciência social expressa na narrativa dramática, o sujeito “rio” reclama sua condição inumana descrita em suas paisagens do Capibaribe pelas imagens críticas e exóticas.

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

(MELO NETO, 1994, p. 105)

Considerando que o sujeito é o próprio rio, o poema ocupa uma posição direcionada para a realidade factual, ou seja, para sua realidade de carência. Determinado posicionamento é expresso através do recurso da personificação, neste caso o objeto metafórico a partir de um discurso

orientado para a própria linguagem projeta o poema num nível metalinguístico. Nas duas paisagens do Capibaribe, retratadas no *Cão sem plumas* (MELO NETO, 1994, p. 105), trata-se, por um lado, de indicar o modo pelo qual o rio é sabedor da sua realidade espessa, e por outro, de estabelecer a relação entre o que foi definido como condição inumana, assim informando “Aquele rio era como um cão sem plumas.” E, no contexto de consciência social, sabe da sua condição de habitante ribeirinho que vive de costa para o mar. Ele, o rio, “Nada sabia da chuva azul,/ da fonte cor-de-rosa”, no entanto, esse mesmo rio “Sabia dos caranguejos de lodo e ferrugem / sabia da lama como de uma mucosa.” Essa consciência da escassez material do ribeirinho do Capibaribe, e que não podemos confundir com escassez intelectual, é vista como elemento que se oferece a construção da linguagem sem adornos, de modo, que incorpora à paisagem espessa do espaço poético um efeito sinestésico. Assim observa o crítico João Alexandre Barbosa:

É a realidade da linguagem, a sua viva e espessa função no plano da invenção poética, que permite a maior abertura para a realidade de circunstância que se incorpora ao texto. Ao fazer-se real no espaço do poema, a linguagem cria a realidade, na medida em que esta só faz parte daquele espaço por sua efetivação. (BARBOSA, 1975, p. 109)

A poesia participante de João Cabral traz no seu teor uma intimidade de raiz com a linguagem prosaica, possivelmente advinda da origem do cordel pernambucano, não obstante é essa forma prosaica que configura o lirismo da realidade espessa do Capibaribe. Através da voz do rio se projeta uma configuração da voz do coletivo social em que se observa a influência narrativa e dramática oriunda da temática que é o subdesenvolvimento e a miséria do sertão nordestino. A censura aos problemas sociais integra naturalmente o seu projeto poético, no qual poesia e o ânimo de justiça se completam na mesma densidade. Ou seja,

Cabral aspira tanto uma qualidade poética quanto um comprometimento crítico social com ampla lucidez de que a sua poesia de resistência não desconfigura o seu trabalho de arte. Alfredo Bosi considera esta postura um ponto positivo à criação, afirmando que:

A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos. Valéry, Montale, Drummond e João Cabral de Melo Neto são mestres nesse discurso de recusa e invenção. (BOSI, 2004, p. 173)

Como as paisagens de rio e de homens não estão isoladas de um intenso sentido da realidade, impossível de ser percebido por quem vive de costa para o mar, tendo em vista que o contraponto do Capibaribe é dado pelo mar e por outros rios, que são diversos em suas fertilidades e adornos os quais levam a constituir a fábula do poema.

Entre a paisagem
o rio fluía
como uma espada de líquido **espesso**.
Como um cão
humilde e **espesso**.

[...]

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.

[...]

O rio sabia
daqueles homens sem plumas.
Sabia
de suas barbas expostas,
de seu doloroso cabelo
de camarão e estopa.

(MELO NETO, 1994, p. 108. Grifos nossos)

O rio demarca a vida e a espessura dos seres, o antropomorfismo do rio/cão. É o que segue:

§ Como todo o real
é **espesso**.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais **espesso** do que uma maçã.
[...]
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais **espesso**
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.

[...]
§ **Espesso**,
porque é mais **espessa**
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).

(MELO NETO, 1994, p. 115, 116. Grifos nossos)

No poema o conceito de “espesso” é usado de forma insistente e expressa um recurso sinestésico que instiga a percepção sensorial do leitor. Conforme comenta, (REBUZZI, 2010, p. 47) “O vocábulo “espesso” vem cheio de uma sensibilidade rara na linguagem, vem do latim *spissus*. [...] no sentido figurado do termo *spissus*, escrever com dedicação.” Pela metáfora da espessura, pode-se constatar um anúncio da transcendência ao nada que se desdobra entre os seres rio, cão e homem explorados nas obras que sintetizam a poesia existencial, ou seja,

nos poemas denominados o tríptico do Capibaribe. A relação entre estes elementos evoca sua natureza de espessura da vida, assim expressa o poeta (MELO NETO, 1994, p.115) “como todo o real é espesso. Aquele rio é espesso e real”. A dimensão da realidade espessa chega a não ter proporção, transcendendo, dessa forma, à concepção de limitação do homem. Para aquele homem/cão só resta-lhe seguir caminho do rio. Com autoridade de crítico, MERQUIOR (1997), na sua *Astúcia da mimese*, explica:

A transcendência ingressa no domínio empírico, mas sob a forma de um puro limite do nosso conhecer. O que sabemos da transcendência é que dela não “sabemos” nada. O Ser é conhecido como Nada. **O Ser além de todos os entes, por baixo de todos os entes, é nada.** Não tem cabimento negar sua realidade, mas tem ainda menos cabimento concebê-lo como um ente que, misterioso e distante, fosse o reverso triunfal dos limites da condição humana. (MERQUIOR, 1997, p 171. grifo nosso)

Numa perspectiva do nada em que a limitação da condição humana se torna uma forma moral de manifestação do ser, a espessura do rio abrange um grau semântico e metafórico simétricos, com o objetivo de auxiliar à compreensão lírica da negatividade e do vazio presentes tanto em *Morte vida severina* como também n’*O rio*. É interessante observar que em ambas as obras os personagens transcendem à sua realidade humana e se personificam numa metáfora que os colocam num paradigma de anonimato transcendental, por conseguinte as comparações que denominam o objeto poético integram-se entre si, causando um efeito de duplicação de imagem. Contudo, sem pretensão metafísica, os elementos o ser e o nada reúnem aspectos tanto formais como poéticos que confluem em perfeita simetria. Pois os signos rio/homem/cão presentes no tríptico do Capibaribe possuem a mesma relação metonímica e o mesmo grau de adjetivação “sem nenhum nome que os

distinga”. (MELO NETO, 1994, p. 141). Então, da mesma forma que não há como definir um cão sem plumas, também não há como identificar uma onda sucessiva.

O cão sem plumas vai da prosa ao poético projetando uma transcendência que parte do dialético-social à lírica:

[...]
Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas

[...]
eles são gente apenas
sem nenhum nome que os distinga;
que os distinga na morte
que aqui é anônima e seguida.
**São como ondas de mar,
uma só onda, e sucessiva.**

(MELO NETO, 1994, p. 108, 141 - grifos nossos)

O discurso poético de *O Cão sem plumas*, focalizado no metonímico e no desdobramento da linguagem, dispõe de um lirismo fundamentalmente moral que se projeta num conjunto de imagem tão verdadeira e real que o poeta exterioriza sua criação na mais plástica vitalidade: harmonizando-se pela linguagem, pela temática e pela dimensão de espaço. Em estudo à poesia social de João Cabral, MERQUIOR (1997, p. 173) declara: “A realidade do Capibaribe, como objeto poético, chega por seus próprios meios a harmonizar-se com o objeto ontológico dos poemas não-sociais”. Assim, numa perspectiva metonímica, a poesia cabralina configura-se como um projeto de unidade poética, buscando seu lirismo, embora contido, nas zonas de transmutação entre a imagem e a palavra.

A realidade do Capibaribe torna-se a metáfora mais objetiva do

conjunto denominada o tríptico do rio. Nesta metáfora encontram-se o sujeito e o objeto, ambos nascem da necessidade do deslocamento de suas partes com o mesmo objetivo final, expresso pelo rio:

Ao partir companhia
desta gente dos alagados
que lhe posso deixar,
que conselho, que recado?
Somente a relação
de nosso comum retirar;
só esta relação;
tecida em grosso tear.
(MELO NETO, 1994, p. 143)

Cumprida sua trajetória de autoconhecimento, de denúncia social, de comparações e oposições, é possível então caracterizar o discurso do rio como tradução da realidade por que passa: uma realidade de carência e de espessura, traduzida nas estrofes finais do poema, quando então descobre que “Viver/ é ir entre o que vive”, e que,

O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive, choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

[...]

Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso,
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.
E espesso
por sua fábula espessa;
pelo fluir

de suas geléias de terra;
ao partir
suas ilhas negras de terra.
(MELO NETO, 1994, p. 115, 116)

O Cão sem plumas é um poema que procura fixar em seu texto poético, uma estreita relação entre poética e ética. Conceito observado por BARBOSA (1975, p. 16), que afirma “O caminho de João Cabral, muito coerentemente, tem de passar pela análise de suas relações com a palavra no nível da realização poética”. Tese reafirmada por vários críticos cabralinos. Nessa perspectiva de compromisso ético com a poesia, nas obras que compõem o ciclo do Capibaribe, define-se a preocupação que persegue o poeta com as questões sociais e os questionamentos da época sobre as relações de criação poética e expressão da realidade. Fazendo uso do pensamento de Paul Valéry (1999, p. 168), concluímos. “O poeta dispõe das palavras de uma maneira completamente diferente da que faz o uso e a necessidade. São as mesmas palavras, sem dúvida, mas de forma nenhuma os mesmos valores”. Preocupação esta trabalhada, não somente na poesia de teor social, mas em toda a composição lírica/antilírica à escolha da leitura e do leitor.

Tal qual *O cão sem plumas* também n’*O rio* o sujeito poético continua sendo o próprio rio. De fato, nos defrontamos com um rio narrador autodiegético que segue seu caminho destilando sua espessura de natureza subumana. Numa perspectiva mais real, a peregrinação do Capibaribe é concluída em *Morte e vida severina - auto de natal pernambucano* (1955) pela relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife, assim, o poeta, através do seu refinado fazer poético, dá voz ao rio, que, como personagem personificada, traça toda a peregrinação de Severino iniciada no *Cão sem plumas* (1950),

tendo no poema *O rio* (1953) o registro poético da sua viagem. Assim segue:

[...]

Sempre pensava em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
nascem já é caminhar.
Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar;
sei que se sente o mesmo
e exigente chamar.

[...]

Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,

Ao entrar no Recife,
não pensem que entro só.

[...]

Entra comigo a gente
que com o mar sonhou,
e também os retirantes
em quem só o suor não secou;
**e entra essa gente triste,
a mais triste que já baixou,
a gente que a usina,
depois de mastigar largou.**

[...]

Tudo o que encontrei
na minha longa descida,
montanhas, povoados,
caieiras, viveiros, olarias,
mesmo esses pés de cana
que tão iguais me pareciam,
tudo levava um nome
com que poder ser conhecido.
A não ser esta gente
que pelos mangues habita:
eles são gente apenas
**sem nenhum nome que os distinga;
que os distinga na morte**
que aqui é anônima e seguida.
**São como ondas de mar,
uma só onda, e sucessiva.**

[...]
A um rio sempre espera
um mais vasto e ancho mar.
Para a gente que desce
é que nem sempre existe esse mar,
pois eles não encontram
na cidade que imaginavam mar
senão outro deserto
de pântanos perto do mar.

(MELO NETO, 1994, p. 119, 121, 134, 141, 142. Grifos nossos)

Compondo uma escritura fortemente voltada para a captação da realidade social e humana, os poemas recriam paisagens dessublimadas, dão a ver um espaço depurado de imagens idealizadas, resultando o texto poético numa mescla de esferas que abarca o regional e o universal. As inquietações, esperanças e desesperanças dos severinos-rios ressoam os questionamentos próprios do ser humano, em qualquer parte e em todos os tempos. Podemos perceber, então, que o que alimenta e embasa os textos em estudo não é somente a ligação temática da escritura com o povo, com o cotidiano, com a experiência, com a natureza, mas, também, a opção estilística direcionada para o reaproveitamento de expedientes com que a gente do nordeste constrói suas narrativas, imprimindo sentido ao seu existir. Daí um trabalho com a linguagem que, adotando mecanismos intertextuais, remete às tradições folclóricas, ao estilo dos cantadores e ao romanceiro popular, fonte de que provém grande parte do material poético cabralino.

Nisto a linguagem como signo próprio à poesia, serve aos artifícios que o poeta elege para compor o discurso do rio. Um discurso de descrição metalinguístico em que a recriação da realidade espessa entre o homem e o rio se projeta na medida em que esta participa da experiência poética que chega quase a ser mística, contudo sem sobrecarga metafísicas. Na verdade, o discurso do rio revela um trabalho poético que

poderíamos denominá-lo de estética do avesso. Estética prolongada na peça-poema *Morte e vida severina*, em que o poeta usa a linguagem metafórica para nivelar a escala dos seres “animal/vegetal/mineral” num jogo em que as palavras também se tornam desprivilegiadas de uma hierarquia semântica. Através do nivelamento, o autor apresenta uma constante interação de significados em que dicotomias como vida/morte, céu/terra ganham poder de suplência e estabelecem um jogo de presença/ausência do significado. Ao engajar na dinâmica da busca da descentralização do discurso, a espiralidade do texto cria novas opções para o determinismo da situação do retirante nordestino e apresenta *Morte e vida severina* como um ato de crucificação, mas, também, como uma história de nascimento e redenção.

Através da linguagem catalisadora de metamorfoses, transmutam rio em homem e homem em rio, tornando esses elementos temáticos em seu relacionamento recíproco, imagens poéticas confluentes. Nisso, a travessia d`*O rio* do Capibaribe pela cidade do Recife confunde-se com a travessia de Severino do Agreste pela Zona da Mata pernambucana ao Recife, levando consigo os tantos rios que tantos severinos buscam. Nos poemas *O rio* e *Morte e vida severina*, apresentam-se duas histórias – Severino, retirante e o Capibaribe, rio cujo leito leva ao Recife, ambos buscam o mesmo espaço, conscientes do mesmo destino. Entre os elementos metafóricos, o rio e o homem, originam um sistema de equivalência em que o rio humanizado e o homem fluvializado confundem suas naturezas, em face de um estado de precariedade por ambos compartilhados. O rio que se transmuta em homem carrega consigo todas as mazelas dos migrantes severinos que abandonam o sertão rumo ao litoral, encontrando em sua longa viagem apenas a morte. É o que segue em *O rio*:

Tudo o que encontrei
na minha longa descida,
montanhas, povoados,
caieiras, viveiros, olarias,
**mesmos esses pés de cana
que tão iguais me pareciam,**
tudo levava um nome
com que poder ser conhecido.
A não ser esta gente
que pelos mangues habita:
**eles são gente apenas
sem nenhum nome que os distinga;
que os distinga na morte
que aqui é anônima e seguida.**
São como ondas de mar,
uma só onda, e sucessiva.

(MELO NETO, 1994, p. 141 grifos nossos)

[...]

**Somos muitos severinos
Iguais em tudo na vida:**
Na mesma cabeça grande
Que a custo se equilibra,
No mesmo ventre crescido
Sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque o sangue
Que usamos tem pouca tinta.
E se somos severinos
Iguais em tudo na vida,
**Morremos de morte igual,
Mesma morte severina:**

[...]

(Id., 171,172 grifos nossos)

A linguagem como um signo imanente ao homem e às suas relações, reflete a condição de existência social. Compreende, ainda, à relação comum que ele mantém com o signo e seus significantes. Como o rio Capibaribe, Severino se define por sua natureza desvalida – ambos estão sujeitos a um destino de penúria, motivados pela seca. É a marca da carência que os aproxima e os une numa poética de travessia. Sempre se mirando, um sendo o eco do outro, rio e homem mal podem ser distinguidos. Sente-se que o rio identifica-se com o viver nordestino, ou

mesmo que o rio e a vida compartilham da mesma sina “severina”. A relação isomórfica entre rio e homem torna-se, na poética de João Cabral, metáfora de realidades amplas e, ao mesmo tempo, projeção simbólica de procedimentos de uma cultura regional que se projeta diante da precariedade da sobrevivência. Com isso, percebe-se a semelhança de enredo social entre os poemas narrativos *O rio* e *Morte e vida severina*, ambos nascem da mesma razão sociológica como também do uso do prosaico, do polirrítmico, aderente às flutuações da linguagem coloquial.

É por demais perceptível que a produção de *O rio* e de *Morte e vida severina* corresponde a um modo de elaboração textual calcado, sobretudo, em modelos e técnicas vinculados à oralidade. A absorção da oralidade é muito bem expressa no poema *O rio*. O Capibaribe é uma espécie de narrador etnográfico subjetivo que, conforme Benedito Nunes (1974, p. 79), “de tudo que vê, dá correta notícia oral ao poeta, mencionado no texto como senhor da freguesia de Tapacurá”. Assim, o poema como forma de documentário é o registro poético de um percurso de viagem que, por diversos níveis: o geográfico, o humano e o social, anunciam e denunciam a penúria do meio regional.

A retórica do tríptico do rio (*Cão sem plumas*, *O rio* e *Morte e vida severina*) surge como uma apropriação de elementos providos de um estado de espírito coletivo que se instaura num momento convulsivo. Diante da conturbação do contexto social instaurado, o poeta, ao compor seu discurso, incorpora à linguagem prosaica o conflito existencial dos ribeirinhos, dentro do seu processo textual. E, nessa operação de desemplumação da linguagem recupera a fala do outro, do excluído, do que vive à margem. Tecido estético muito bem urdido por João Cabral na composição do tríptico do rio. Ali o outro é o herói esvaziado do seu eu lírico, o sujeito numa figuração transcendente de vazio, totalidade e êxtase, fazendo da poesia uma experiência quase mística. Experiência

que faz da linguagem uma metáfora viva e espessa da realidade dos personagens – Severino/rio – Assim permitindo uma maior abertura à realidade de circunstância que se incorpora ao texto poético. A realidade d’O rio e de *Morte e vida severina* está refletida na linguagem, no seu signo metalinguístico que funciona como um artifício do processo retórico o qual mantém um jogo de reciprocidade entre o poeta e o fazer poético.

Referências

BARBOSA, João Alexandre. **A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 7. Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. **A astúcia da mimese: ensaios sobre lírica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas**. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **O rio**. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **Morte e vida severina – auto de natal pernambucano**. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MELO NETO, João Cabral de. **Cadernos de Literatura brasileira**. São Paulo, nº 1. Março, 1996, p. 26. Entrevista realizada por Alfredo Bosi.

NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto: Poetas modernos do Brasil**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

REBUZZI, Solange. **O idioma pedra de João Cabral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VALÉRY, Paul. **Questões de poesia**. In: *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.